

Passaporte artístico

POR PATRICK SELVATTI

Ele é a personificação viva da era globalizada. Nascido no Brasil, criado na Bélgica e formado nas escolas de teatro de Paris e do Rio de Janeiro, Pedro Alves carrega a marca de quem aprendeu a ser múltiplo. Com um currículo que passa por HBO e TV Globo e, agora, rumo ao protagonismo na série *Vermelho sangue*, do Globoplay, o ator de 32 anos não para. Atualmente no ar na novela *Dona de mim*, ele conversou com a *Revista* sobre os caminhos plurais de sua carreira e de sua vida.

A primeira pergunta é inevitável: como um pé na Europa e outro no Brasil influenciam seu ofício? Pedro explica com a clareza de quem já refletiu muito sobre o assunto. “Na Europa, aprendi uma atuação mais contida, tudo é mais nas entrelinhas, espelhando a cultura social na qual cresci. No Brasil, aprendi a soltar o corpo, a expressar as emoções”, compara.

Para ele, a miscigenação é uma força, mas exige adaptação constante. “Não sou o Pedro brasileiro na Bélgica e não sou o Pedro de lá quando estou no Brasil. Já causei muito mal-estar por não entender que deveria adaptar minha forma de me comportar. Ainda hoje tenho certas dificuldades”, admite, revelando uma camada de vulnerabilidade por trás da confiança de poliglota.

Esse domínio de idiomas — fala português, francês e inglês fluentemente — é um passaporte artístico. “Isso impacta como as pessoas me veem, me abre portas”, diz, lembrando de trabalhos como *Santos Dumont*, da HBO, filmado inteiramente em francês, e *Vermelho sangue*, cujos testes foram todos em inglês.

Em *Dona de mim*, Pedro interpreta Caco, um personagem gay em um casal adulto e contemporâneo bem-resolvido, cujas cenas de afeto são tratadas com naturalidade — inclusive com uma cena de beijo entre ele e o brasileiro Gabriel Sanches (intérprete de Breno). Ele não titubeia ao classificar a importância dessa representação: “Recusar ver diversidade, é fruto de um medo infundado e ignorante”.

Sobre a trama envolvendo doação de sêmen para um casal lésbico, um tema corajoso para o horário, o ator defende o papel social da televisão. “É um dever social, artístico e em prol do entretenimento”, defende Pedro, que estreou na Globo em *Malhação Toda forma de amar* como Guga, um adolescente descobrindo sua orientação sexual, repleto de conflitos.

Futuro

Mas se Caco representa a realidade contemporânea, seu próximo desafio mergulha de cabeça no sobrenatural. Em *Vermelho sangue*, série de Rosane Svartman (a mesma autora de *Dona de mim*), Pedro vive seu primeiro protagonista: Michel, um vampiro poliglota e centenário. “Foi a preparação mais desafiadora da minha vida. Chorei muito durante o processo. Não me achava digno”, confessa. O resultado, garante, valeu a pena: “Aguardem algo ousado, sensual, pulsante, instigante e que te surpreende o tempo todo”.

Entre os desejos futuros de Pedro está fazer cinema autoral francês, belga e brasileiro. Mas, no cerne de todas as suas escolhas e identidades, persiste a questão do pertencimento. “Eu me sinto tão brasileiro e tão belga, mas nunca vou conseguir me sentir pertencente 100% em nenhum lugar. É estranho, mas é um sentimento que eu e meus irmãos dividimos.” Longe de ser uma fraqueza, ele transforma esse “não lugar” em sua maior força. “Acredito que isso só me fortalece como pessoa e como artista. É muito enriquecedor”, conclui.

Leia a entrevista completa em
www.correiobraziliense.com.br

